

O Silêncio na Primeira Clínica Lacaniana

Leonardo R. Pádua, Luciano E. Lopes e Fernando F. dos Santos e Reis

Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Nota dos Autores

Leonardo R. Pádua, advogado, especializado em Direito Processual e em Filosofia Clínica, discente do curso de Psicologia da UniEvangélica de Anápolis; Luciano E. Lopes, discente do curso de Psicologia da UniEvangélica de Anápolis; Fernando F. dos Santos e Reis, psicólogo, psicanalista, Mestre em Psicologia Social, docente do curso de Psicologia da UniEvangélica de Anápolis.

Questões acerca do artigo devem ser encaminhadas para o endereço eletrônico leonardopaduapsi@gmail.com ou para lucianolopes71321@gmail.com

Resumo

Neste artigo, buscou-se, através da contribuição de textos psicanalíticos clássicos, a compreensão do silêncio na primeira Clínica lacaniana. O tema silêncio expressa uma variante de significados que percorrem de Freud à Lacan; do silêncio como efeito da resistência à *sileo* e *taceo*. Torna-se relevante, portanto, o estudo do silêncio no contexto analítico, posto este estar sempre presente no *setting* terapêutico, sendo vivenciado tanto pelo analista quanto pelo analisando. Se fez necessário, antes de mais nada, compreender a importância da linguagem na teoria lacaniana, para então adentrar às conceituações da relação transferencial, sujeito suposto saber, entre outros. Dessa forma, o silêncio apresentou-se como um recurso de fundamental relevância na clínica psicanalítica, seja por evidenciar a atribuição do sujeito suposto saber, como Outro ou outro, seja com um ato analítico, dependente do desejo do analista, que libera a associação do sujeito. Sendo, portanto, recomendado que o analista esteja implicado na posição daquele que contém o *agalma*, intervindo na dialética da análise se fazendo de morto inquietante a convocar uma resposta do analisando acerca do seu desejo.

Palavras-chave: Freud, Lacan, Silêncio, Psicanálise

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo discutir as faces do silêncio no contexto analítico, pautando-se nos conceitos da psicanálise lacaniana. Também, através desses recortes, discutir a função do silêncio no *setting* terapêutico naquilo que tange o silêncio na primeira Clínica de Jacques Lacan.

A mudança de paradigmas durante o ensino de Lacan orienta a divisão entre as chamadas primeira e segunda Clínica. A primeira, também conhecida como estruturalista, categorial, descontinuísta, a Clínica do desejo, do significante, privilegia o registro do Simbólico, se assentando nos sintomas clássicos – neurose, psicose e perversão -, e tendo como foco a relação do sujeito com a ficção do falo - que recobre a castração, a falta -, e em que ele sustenta de si mesmo, na sua relação com o Outro, até a sua passagem pela fantasia identificatória fundamental, isto é, a Travessia do Fantasma (Forbes, 2010).

A segunda, isto é, a Clínica do real, do gozo, borromena, continuísta, concebida sob a primazia do Real como gozo e da forclusão generalizada, se apoiando na “pulsão, na ressonância do enxame de significantes própria à *lalíngua* e na singularidade auto-erótica do gozo pulsional” (Forbes, 2010, pp. 22-23), envolve uma ética fundamentada no princípio de responsabilidade, com o intuito de identificar o *parlêtre* (falasser) com o seu *sinthome*, isto é, com “o inalisável, o extremo ‘estranho’ em cada pessoa, sua marca pessoal” (Forbes, 2010, p. 79).

De qualquer modo, a despeito dessa divisão didática, Miller (2011, p. 70) alerta que as leituras da clínica não se anulam entre si, mas acrescentam umas às outras como num trabalho de arqueologia. Assim, neste primeiro momento, optou-se por dar ênfase à compreensão do silêncio da perspectiva da primeira clínica lacaniana, apenas por uma questão metodológica e didática.

Todavia, antes de ser objeto de estudos da psicanálise, o silêncio é tema primordial nas teses de teóricos da comunicação, sendo que “em variados campos de saber onde se estuda a comunicação, o fenômeno do silêncio está presente e se apresenta como objeto de estudo” (Padrão, 2009, p. 93). A palavra silêncio, conforme Ferreira (1999, citado por Oliveira & Campista, 2007) “etimologicamente vem do latim *silentiu* e . . . significa o estado de quem cala, privação de falar, sigilo, segredo” (p. 107). Esse sentido designado pela definição etimológica concede ao termo silêncio um caráter “universal referido à não emissão de sons” (Oliveira, 1999, p. 108). Porém, “o silêncio é singular, de cada análise, em sua dinâmica própria, e evoca pontos de vista diversos como ferramentas úteis”. (Oliveira, 2009, p.118),

assim, podemos dizer que, por meio da singularidade do silêncio há o interesse da psicanálise em seu estudo, e também há, uma outra razão para tal interesse, a qual “se baseia no fato de que o silêncio está presente nos diferentes contextos socioculturais, o que lhe confere um caráter universal” (Padrão, 2009, p. 93).

A clínica psicanalítica, desde o início, acompanhou diversas mudanças, sendo que, uma dessas, reflete a importância do silêncio no *setting* analítico. Esse aprimoramento (mudança) se concentra em parte na origem do silêncio do ponto de vista clínico, o qual, teve proveniência na convocação do paciente à prática da associação livre, segundo Padrão (2009, citada por Sander & Kegler, 2018), por conseguinte:

com o passar dos anos e com o aprimoramento da técnica psicanalítica, Freud descobriu e confirmou a importância da qualidade da escuta do terapeuta, indicando que este adotasse uma postura mais silenciosa, fazendo suas interpretações quando necessário, mas não tantos questionamentos como antes. (p. 123).

Quanto a prática da associação livre – sem olvidar o seu ensaio elaborativo silencioso – ressalta Oliveira (2009):

o silêncio que origina o processo analítico é o silêncio do analista, que convida o paciente à associação livre. O analista silencia seu desejo pessoal, seus pré-conceitos e, em última análise, sua angústia. Tendo presentes seu lugar, sua teoria, sua experiência e, sobretudo, sua própria análise, ele os conserva latentes (pré-conscientes), atuantes porém silentes. (p. 119).

A prática associação livre – o método pelo qual Freud se apoiou para investigar o inconsciente, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 38) – conduzia os pacientes à livre fala e, a partir da convocação do paciente ao dizer tudo que lhe vinha à mente, surgia então um efeito contrário, o do nada dizer; ecoava o silêncio em detrimento da fala. Surge, então, um questionamento sobre o porquê, mesmo ciente da regra fundamental da psicanálise, o analisando se silencia?

Para tal questionamento Freud (1904/1996a), nos primórdios da psicanálise, sinalizava que a resistência do paciente em manter a associação livre estaria vinculada a um processo de recalçamento; pois, como bem pontuou Lacan (1958/1998a, p. 622), “Nada é mais temível do que dizer algo que possa ser verdadeiro”.

Para muitos, talvez, seja evidente que em uma análise haja somente a presença de dois indivíduos, *two-bodies' psychology*¹: o analista e o analisando, “a psicologia que reduz a experiência psicanalítica à presença de uma pessoa junto a uma outra” (Miller, 1999, p. 29), porém, Lacan, em seu primeiro Seminário, revela que “não há uma *two-bodies' psychology* sem que intervenha um terceiro elemento” (Lacan, 1954/1986a p. 20). Portanto, a análise “não é a dois, mas a três!” (Landi & Chatelard, 2015, p. 160), e esse terceiro elemento é da ordem do simbólico, o qual se destina a ser uma das faces do grande Outro, a linguagem. Essa crítica feita por Lacan em seu primeiro Seminário reflete a postura apresentada por psicanalistas pós-freudianos ao não considerar um terceiro elemento de forma que, “esqueceram a pedra angular da prática freudiana, que é a regra da associação livre, via pela qual se realiza a revelação do inconsciente em uma análise” (Ferreira, 2000, p. 169). Caminhamos assim para a construção dos elementos de uma análise e que, sem que haja um, o processo analítico pode não acontecer, de modo que, para haver análise, é necessário o analista, o analisando e, sobretudo, os signos da linguagem.

Ao analista cabe, então, conduzir a direção da análise, que, pela via de sua autoridade no *setting*, delimita o tempo e espaço do atendimento, mas ainda, é a função deste suportar a transferência, a qual, conforme Lacan (1977, citado por Pinheiro, 1999, “Concepções Metapsicológicas: a Transferência em Questão”), é “o veículo através do qual a cura opera” (para. 01), enquanto é de função do analisando entregar-se à análise e, quando este, diante do anúncio da regra fundamental da psicanálise cala-se, releva então uma das faces do silêncio: a resistência. Pode-se, também, elencar outros modos de silêncio que despontam no *setting*, esses são: o silêncio provocado pelo gozo do não dizer, conforme nos orienta Miller (2005, pp. 12-13), o silêncio trazido pela elaboração, e, o silêncio do analista, o qual possibilita a associação livre, que escuta, assim, silencia-se. Há, portanto, o silêncio de um e de outro, e nunca do terceiro. Tem-se, então, percebido que, pertence à dimensão do silêncio uma importância ímpar no que tange à clínica psicanalítica.

Tal pesquisa, ademais, foi construída por meio da revisão bibliográfica, de modo que, segundo Gil (2002), esse é o tipo de pesquisa “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44), em que, também, “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto” (p. 45), tendo sido, assim, embasada na literatura psicanalítica com foco em

¹ Tradução livre: psicologia de dois-corpos.

referenciais clássicos como Sigmund Freud, Jacques-Marie Émile Lacan e Jacques-Alain Miller, dentre outros autores da Psicanálise.

O Silêncio na Clínica Psicanalítica

Chama a atenção o fato de que Freud ingressou pelo caminho que o conduziu à “cura pela fala” (Freud, 1895/1996b, p. 66) por meio do estudo Sobre a Concepção das Afasias (1891/2014). Evidentemente, afasia² não é silêncio, mas há algo de silencioso na afasia, posto se tratar de um distúrbio de linguagem.

Para Saussure (1916/2006) a língua “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (p. 22); enquanto que a fala é sua parte individual (p. 27), um ato “de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1.º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2.º., o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (p. 22). Ambos, portanto, “estritamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça...” (Saussure, 1916/2006, p. 27).

A psicanálise, segundo Lacan (1953/1998b, p. 248), quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. E até mesmo quando ocorre o silêncio, não necessariamente há a ausência de linguagem (Lacan, 1967/2003a, p. 290), “um silêncio nunca é indiferente” (Miller, 2005, p. 47). Algo ainda está sendo comunicado ali, não há fala sem resposta (Lacan, 1953/1998b, p. 249), pois “o calar-se não é o silêncio. *Sileo* não é *Taceo*. ... A presença do silêncio não implica de forma alguma que não haja um que fale” (Lacan, 1965/2006a, p. 218), malgrado a obscuridade da fronteira que separa esse *Silere* desse *Tacere* (Lacan, 1967/2008a, p. 290). Sem embargo, Hernandez (2004) comenta que “*Taceo* seria o da palavra não-dita, do calar, do silenciar ou ser silenciado. De outra parte, *sileo* seria um silêncio fundante, estruturante, sugestivo da ausência essencial da palavra, do buraco da significação” (p. 130). Com efeito, quando há

² Afasia é uma condição decorrente de uma lesão no cérebro, comumente no hemisfério esquerdo, que pode levar a uma desorganização da linguagem, afetando habilidades de acesso ao vocabulário, organização sintática, codificação e decodificação das mensagens, além de dificuldades na fluência, compreensão, repetição, nomeação, leitura, escrita, parafasias, agratismos ou apraxias (Fontanesi & Schmidt, 2016, p. 253).

palavras para se dizer, mas não são ditas, cala-se, por outro lado, quando faltam palavras para dizer o que se deseja, silencia-se.

O Silêncio do Analisando

Na clínica psicanalítica, pode-se, à primeira vista, diferenciar os silêncios do analista dos silêncios do analisando.

De início, é imprescindível demarcar que a própria limitação simbólica da linguagem propicia a radicação do silêncio, provocando-o, causando-o, sustentando-o, fazendo abismo onde ele se aloja (Lacan, 1965/2006a, p. 217). Uma barreira material a qual Lacan (1993) fez a seguinte referência:

Digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real. (p. 11)

A par dessa circunscrição, Miller (2005, pp. 12-13) anuncia que existe também um gozo de não falar, isto é, uma satisfação inconsciente, tanto prazerosa quanto desprazerosa – paradoxal, portanto -, pelo ato de não falar. Sinalizando, nesse caso, uma pulsão vertida como numa demanda silenciosa (Miller, 2005, p. 51),

Mas antes dessas conjecturas que podem suscitar o silêncio, Freud, nos primórdios da psicanálise (1904/1996a, p. 239), já indicava que a resistência do paciente em manter a associação livre estaria vinculada a um processo de recalçamento. Esclarecendo, posteriormente, que “o estado em que as ideias existiam antes de se tornarem conscientes é chamado por nós de repressão, e asseveramos que a força que instituiu a repressão e a mantém é percebida como resistência durante o trabalho de análise” (Freud, 1923/1996c, p. 31). Tal resistência, segundo Freud (1923/1996c), emana de uma porção inconsciente do ego e também se relaciona a uma falha na associação livre (p. 31), desencadeadora, portanto, de um possível silêncio. Nessa linha, atesta Freud (1923/1996c) ter descoberto durante a análise que “quando apresentamos certas tarefas ao paciente, ele entra em dificuldades; as suas associações falham quando deveriam estar-se aproximando do reprimido” (p. 31). Uma descoberta que Freud (1914/1996d) já havia esclarecido da seguinte forma:

Quando anunciamos a regra fundamental da psicanálise a um paciente com uma vida cheia de acontecimentos e uma longa história de doença, e então lhe pedimos para

dizer-nos o que lhe vem à mente, esperamos que ele despeje um dilúvio de informações; mas, com frequência, a primeira coisa que acontece é ele nada ter a dizer. Fica silencioso e declara que nada lhe ocorre. Isto, naturalmente, é simplesmente a repetição de uma atitude homossexual que se evidencia como uma resistência contra recordar alguma coisa. Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar. (p. 166)

Lacan (1958/1998a), por sua vez, com relação à resistência, começa sinalizando que nada é menos livre que a associação de ideias, porquanto

o sujeito convidado a falar na análise não mostra naquilo que diz, para dizer a verdade, uma liberdade muito grande. Não que ele seja agrilhado pelo rigor de suas associações: elas decerto o oprimem, mas é que, antes, desembocam numa fala livre, numa fala plena que lhe seria penosa. Nada é mais temível do que dizer algo que possa ser verdadeiro. (p. 622)

Assim, ao tratar da resistência no princípio do seu ensino, Lacan (1954/1986b) chega a propor uma diferença entre a palavra plena - aquela que faz ato, que realiza a verdade do sujeito (p. 63), “tal como ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro” (Lacan, 1954/1986c, p. 129) - e a palavra vazia –

em relação àquilo que tem de fazer *hic et nunc*³ com seu analista, em que a sujeito se perde nas maquinações do sistema de linguagem no labirinto dos sistemas de referência que lhe dá o estado cultural em que, mais ou menos, toma parte (Lacan, 1954/1986b, p. 63).

Percebe-se, assim, que, por esse viés, o silêncio ou mesmo a palavra vazia do analisando é compreendida como efeito do processo de resistência, isto é, “uma força na mente que exerce as funções de uma censura e que exclui da consciência e de qualquer influência sobre a ação todas as tendências que a desagradam” (Freud, 1926/1996e, p. 262); uma força que “separa o sujeito da palavra plena que a análise espera dele” (Lacan, 1954/1986d, p. 108).

Entretanto, Lacan (1955/1995a, p. 287) acaba constatando que “existe apenas uma resistência, é a resistência do analista”, pois é ele que deve suportar este “estado atual de uma interpretação do sujeito” de onde, por ora, “ele não pode ir mais adiante mais depressa” afim de nomear o seu desejo. Em outras palavras, é o analista que deve suportar a transferência,

³ Tradução livre: aqui e agora.

sustentando “o engodo do sujeito quanto à consistência do Outro e de que nele exista um saber capaz de elucidar e definir, de modo resoluto, o sujeito” (Vegas, 2013, p. 111).

O Silêncio do Analista

Ao analista, então, é atribuída uma posição essencial à própria constituição e possibilidade da análise: a de sustentar a transferência. Uma tarefa que, necessariamente, implica num preparo pessoal e formação deveras sérias e peculiares para que a cada encontro possa ali ser instalado como analista. Mas o que seria esse psicanalista? Sobre essa pergunta, Quinet (2009, p. 105) afirma “que jamais terá uma resposta universal e que só pode ser respondida um a um, pois o analista, como uma entidade ou uma ideia a ser encontrada em um sujeito, não existe”.

Contudo, segundo Lacan (1967/2008b, p. 257), temos a passagem do psicanalisante a um psicanalista com o término de uma análise didática, quando, com a queda do sujeito suposto saber, este novo analista se autoriza de si mesmo (Lacan, 1973/2003b, p. 311). Sendo que, “na doutrina clássica do passe, o pivô de uma análise e de seu final é o desejo do psicanalista” (Miller, 2011, p. 113), tomado aqui como “o que opera na psicanálise para além da terapêutica, para além da transferência e para muito além da identificação, compondo a formação do psicanalista” (Castro & Ferrari, 2013, p. 67).

Assim, ao final de uma análise, temos um sujeito que sabe: de seu desejo, do que causa o seu desejo, da falta na qual se enraíza seu desejo, e que também sabe do seu mais-gozar que vinha obstruindo essa falta (Miller, 2011, p. 116). Ou seja, o final da análise consiste em descobrir que não há, em sentido real, sujeito suposto saber; sendo isso o que constitui o desejo do analista (Miller, 1988, p. 89), e sendo isso o que produz um novo silêncio “em relação ao que não se pode dizer, e que, no entanto, está no cerne de tudo o que se pode dizer” (Blancard, 2013, p. 03).

E agora, não podendo agir de outra forma (Miller, 2011, p. 36) diante desse saber, que diz respeito à sua própria formação teórica, pessoal e supervisionada (Freud, 1919/1996f, p. 185), um novo ciclo se inicia: o outrora analisando passa ao lugar de analista, assumindo o lado oposto na relação transferencial, sendo instalado no lugar de “sujeito suposto saber” e passando a abrigar a materialização dessa operação reinstaurada que se relaciona com o engano (Lacan, 1961/2003c, p. 23).

Miller (1988), nesse sentido, esclarece que “Lacan situa no fundamento da transferência uma função inédita em Freud: a do sujeito suposto saber” (p. 55), como “uma consequência imediata da regra fundamental da psicanálise” (p.69). Elucida que:

para Lacan, existe abertura à transferência pelo fato – e é isto o importante – pelo fato único de que o paciente se coloca em posição de se entregar à livre associação. Coloca-se na posição de buscar a verdade sobre si mesmo, sobre sua identidade, sobre seu verdadeiro desejo. Onde busca a verdade? Busca-a, diz Lacan, no limite de sua palavra, e o limite de sua palavra está aí, no analista enquanto grande Outro, ouvinte fundamental que decide a significação – e é por isso que seu silêncio é tão essencial, seu silêncio que dá lugar ao desdobrar da palavra, e que não se deve precipitar a satisfazer a demanda do paciente, que é a demanda de: quem sou? qual é meu desejo? que quero de verdade? (Miller, 1988, p. 73).

Lacan (1964/2008c) esclarece que esse Outro “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (p. 200).

E por efeito dessa posição de sujeito suposto saber, de grande Outro, decorrência da transferência, é que Miller (2005) pergunta e responde: “Quem permanece silencioso na psicanálise? É o analista.” (p. 11), posto que:

este *não falar* é o gozo insidioso recomendado para o analista. Falar apenas de forma econômica ou, pelo menos, com conhecimento de causa. Falar um pouco mais quando necessário. Todavia, saber sempre que sua posição está assentada sobre um... *silet*. (p. 12).

E assim, deste lugar de sujeito suposto saber, o silêncio do psicanalista toma contornos de uma importante ferramenta na clínica por se constituir como “o lugar do apagamento do manifesto de forma que possa revelar o latente” (Green, 2004, p. 30). Um lugar de apagamento que Lacan (1955/1998c) atribuiu ao analista, preconizando que

o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio, ali onde ele é o Outro, *Autre* com A maiúsculo, seja anulando sua própria resistência, ali onde é o outro, *autre* com a minúsculo. Em ambos os casos e sob as respectivas incidências do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte. (p. 431)

Uma posição, que por esse seu estado mortificado, remete-se a algumas características que Freud (1923/1996c) reportou à própria pulsão de morte: muda (p. 61), operando silenciosa e internamente (Freud, 1938/1996g, p. 160).

Contudo, não obstante essas posições de Outro/outro coincidirem-se na mesma figura do analista, Lacan (1955/1995b) consigna que “há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – outro com *A* maiúsculo e um outro com *a* minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala” (p. 297).

Vê-se, portanto, que Lacan percebe o analista também na posição desse outro, produzido com e do objeto *a* (Lacan, 1969/2003d, p. 375), o objeto parcial, do desejo, o *agalma* que Lacan (1961/2010a), no segundo período de seus ensinamentos (Sadala & Martinho, 2011, p. 254), vislumbra como “esta alguma coisa que é visada pelo desejo como tal, que acentua um objeto entre todos, por não ter comparação com os outros” (p. 187). Nessa perspectiva, Lacan (1961/2010b) afirma que

pelo simples fato de haver: transferência, estamos implicados na posição de ser aquele que contém o *agalma*, o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, como ligado, condicionado por essa relação de vacilação do sujeito que caracterizamos como o que constitui a fantasia fundamental, como o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo. (p. 243).

Assim, relacionando esse lugar do Outro e do outro, silenciosos - ocupado pelo analista -, com a demanda de palavra do analisando, Lacan (1965/2006b) demarca que

Por sua palavra, o analisado tenta situar-nos no registro da demanda; por seu silêncio, o analista se situa fora da previsão da demanda. Seu silêncio é testemunha de um resto, daquilo que cai de todo discurso, fazendo-se escuta, ele vem completá-lo, trazer o desvelamento de uma dimensão outra. Toda demanda se situa, implica em sua estrutura mesma a escuta; ela surge sobre um fundo de silêncio. Toda palavra tem como avesso indissociável a escuta do outro, quer este outro seja projetado sobre o interlocutor real ou que ele seja fantasmado na ausência, pouco importa. Existe apenas o discurso delirante, e só ele, que surge sobre um fundo sonoro. Em todos os outros casos, o silêncio, em sua função de escuta, é o que vem testemunhar do desejo ignorado do discurso. Ele é suporte do que eu chamaria o fantasma de linguagem, suportando todo o discurso para fazer dele o apelo do que poderia vir responder, não à demanda, mas ao desejo. (p. 315)

Infere-se, assim, que o analista se silencia diante da demanda de amor do analisando, decorrente da relação transferencial instaurada, pois sabe, a partir de sua própria experiência

de formação psicanalítica pessoal, que, procedendo de maneira diversa, daria voz à demanda, mas calaria o desejo do analisando.

Nessa vertente, Freud (1915/1996h), no que diz respeito à técnica analítica, recomenda que se

negue à paciente que anseia por amor a satisfação que ela exige. O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência. Com isto não quero significar apenas a abstinência física, nem a privação de tudo o que a paciente deseja, pois talvez nenhuma pessoa enferma pudesse tolerar isto. Em vez disso, fixarei como princípio fundamental que se deve permitir que a necessidade e anseio da paciente nela persistam, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças, e que devemos cuidar de apaziguar estas forças por meio de substitutos. O que poderíamos oferecer nunca seria mais que um substituto, pois a condição da paciente é tal que, até que suas repressões sejam removidas, ela é incapaz de alcançar satisfação real. (p.182)

Lacan (1953/1998b) ainda se expressa, no mesmo sentido desse princípio fundamental, ao anunciar que

não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise. Mas, se o psicanalista ignorar que é isso que se dá na função da fala, só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e, se é o vazio que nela se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para-além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio. Assim, ele passa a analisar o comportamento do sujeito para ali encontrar o que ele não diz. Mas, para obter a confissão, é preciso que fale disso. Então, ele recupera a palavra, mas tornada suspeita por só haver respondido à derrota de seu silêncio, ante o eco percebido de seu próprio nada. Mas qual foi, então, esse apelo do sujeito, para-além do vazio de seu dito? Apelo à verdade em seu princípio, através do qual vacilarão os apelos de necessidades mais humildes. Mas, primeiro e de imediato, apelo próprio do vazio, na hiância ambígua de uma sedução tentada sobre o outro, através dos meios em que o sujeito coloca sua complacência e em que irá engajar o monumento de seu narcisismo. (p. 249)

Nessas condições, por conseguinte, o silêncio perfaz configurando-se como um ato analítico, que, de acordo com Miller (2011),

não consiste em um fazer. O ato analítico consiste em autorizar o fazer do sujeito. É, como tal, um corte, é praticar um corte no discurso, é amputá-lo de qualquer censura, pelo menos virtualmente. O ato analítico é liberar a associação, isto é, a palavra, liberá-la do que a limita, para que ela se desenvolva numa rota livre. (p. 34)

Sendo que tal ato, o analítico, depende do desejo do analista, ou seja, do desejo de obter o que há de mais singular, mais diferente, naquilo que faz o ser do analisando, para que passe a assumi-lo (Miller, 2011, p. 35). Uma diferença que não tem a ver com pureza alguma, mas, ao contrário, resta conectada a uma *saloperie* (sujeira) contraída do discurso do Outro e da qual não queremos saber: o objeto *a* (Miller, 2011, p. 35). Nessa acepção, como já especificado alhures, Lacan, portanto, situa o analista, sob transferência, no lugar do Outro (A), como sujeito suposto saber, e do outro (*a*), como objeto *a*, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma análise.

E assim, o psicanalista dirige o tratamento, sem, entretanto, dirigir o paciente, haja vista que “a direção do tratamento é outra coisa. Consiste, em primeiro lugar, em fazer com que o sujeito aplique a regra analítica, isto é, as diretrizes cuja presença não se pode desconhecer como princípio do que é chamado ‘a situação analítica’” (Lacan, 1958/ 1998a, p. 592). Uma situação, cuja estrutura

coloca, em primeiro lugar, o analista em posição de ouvinte, ouvinte do discurso que ele estimula no paciente, posto que o convida a se entregar a ele sem omitir nada, sem consideração pelas conveniências, segundo o movimento que se denomina, um pouco por irrisão, livre associação – pois o postulado analítico é precisamente que essa associação é tudo menos livre e, pelo contrário, está cingida por leis essenciais (Miller, 1988, p. 72).

No entanto, o analista não ocupa essa posição somente de forma passiva, como ouvinte, porquanto a “sua resposta, seu aval, sua interpretação decidem o sentido do que é dito e, ainda mais..., a própria identidade de quem fala” (Miller, 1988, p. 72). Com efeito, tal sentido, para Freud (1937/1996i), é decidido por meio de uma “(re)construção” que favorece a complementação daquilo que foi esquecido pelo paciente, de forma que

o analista completa um fragmento da construção e o comunica ao sujeito da análise, de maneira a que possa agir sobre ele; constrói então um outro fragmento a partir do novo material que sobre ele se derrama, lida com este da mesma maneira e prossegue, desse modo alternado, até o fim. (p. 275)

Além disso, essa interpretação ou (re)construção é recebida como proveniente da pessoa que a transferência imputa ao analista, ou seja, é como proveniente do Outro da transferência que a fala do analista continua a ser ouvida (Lacan, 1958/1998a, p. 597). Dessa forma, “é, pois, pelo que o sujeito imputa ao analista ser (ser que está alhures) que é possível

uma interpretação voltar ao lugar de onde pode ter peso na distribuição das respostas” (Lacan, 1958/1998a, p. 597).

Nessa direção, Lacan (1958/1998a) adverte que “nenhum indicador basta, com efeito, para mostrar onde age a interpretação, quando não se admite radicalmente um conceito da função do significante que capte onde o sujeito se subordina a ele, a ponto de por ele ser subornado” (p. 599).

De outra sorte, nem toda intervenção verbal do analista se afigura como uma interpretação, podendo versar apenas como uma explicação, uma gratificação, uma resposta à demanda ou, até mesmo, uma confrontação apta a “levar o sujeito a ter uma visão (insight) de uma de suas condutas, sobretudo em sua significação de resistência” (Lacan, 1958/1998a, p. 598). Assim sendo, Lacan (1958/1998a) concebe que esse poder do analista (Miller, 1988, p. 73) sobre o sentido,

para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante. (p. 599)

Martinho (2012) chega a assinalar que, “ao longo de seu ensino, Lacan designa vários modos de interpretação: a pontuação, o corte, o semidizer, a alusão e o equívoco” (p. 79), os quais não serão, entretanto, desenvolvidos nesta oportunidade por não ser o objetivo deste trabalho. Ainda assim, seja qual for o modo de interpretação, Soler (1995) relembra que

a interpretação é um ‘dizer nada’, o que não significa que o analista nada profira. Ele deve dizer algo, é necessário, mas o seu dizer é esquecido na medida em que é silencioso. ... Com efeito, existe uma parte do silêncio do analista que obriga o analisando a se interpretar. ... O silêncio, se imperativo, obriga o analisando a desenvolver sua própria cadeia e, ao mesmo tempo, designar o horizonte do que não é dito. Nesse sentido, diz Lacan, o dizer é um “dizer que não” (p. 31).

À vista do exposto até aqui, o silêncio apresenta-se como um recurso de fundamental relevância na clínica psicanalítica, seja por evidenciar a atribuição do sujeito suposto saber, como Outro ou outro, seja com um ato analítico, dependente do desejo do analista, que libera a associação do sujeito. Sendo que até mesmo a interpretação do analista se desvela como um “dizer nada”, tendo em vista que

quando Lacan formula o conceito de desejo, não é tanto no sentido de que o interpretemos, mas sim que o desejo é, ele próprio, o intérprete, já que ele designa uma função que já está no que é dito. Não se trata da resposta que virá do analista. Todo o caminhar de Lacan visa, em termos precisos, a desvalorizar o que vem do analista, chegando a introduzir uma prática da interpretação que se reduz ao silêncio, na medida em que é o desejo que interpreta. (Miller, 2005, pp. 41-42)

Isso posto, infere-se a recomendação de que o analista simbolize o próprio silêncio na clínica, oportunizando a associação livre e dando voz ao desejo, quando do atravessamento pelo analisando dessa inquietante estranheza ligada a formação da angústia infantil que jamais desaparece inteiramente na maioria dos seres humanos (Freud, 1919/1996j, p.267).

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa bibliográfica de revisão conceitual, buscou-se, principalmente na erudição dos textos clássicos, uma compreensão acerca do tema silêncio pela perspectiva da primeira Clínica lacaniana, explorando elementos que corroboram a importância dele no *setting* analítico.

A pedra angular da clínica, isto é, o terceiro elemento da relação analítica, a linguagem, marca a atuação do analista na primeira Clínica lacaniana pela ordem do simbólico. É ele que ocupa a posição deste grande Outro ao ser situado pelo analisando na posição transferencial de sujeito suposto saber que dá suporte à palavra plena do sujeito.

Dessa forma, mesmo que haja silêncio no *setting*, seja por razões técnicas, elaborativa, por resistência, de gozo, ou quaisquer outras, a linguagem ainda estará presente como lugar em que se situa a cadeia do significante (Lacan, 1964/2008c, p. 200) e que possibilita tudo o que vai poder emergir do inconsciente.

Assim sendo, é crucial que o analista intervenha na dialética da análise se fazendo de morto (Lacan, 1955/1998c, p. 431), como se representasse a própria pulsão de morte, e sendo identificado com o objeto parcial, do desejo, o *agalma*, o outro, o objeto *a* (Lacan, 1961/2010b, p. 243).

Nessas condições, por conseguinte, o silêncio do analista perfaz configurando-se como um ato analítico por liberar a associação livre em função do seu desejo, isto é, o desejo de obter o que há de mais singular, mais diferente, mais sujo (*saloperie*), naquilo que faz o ser do analisando (Miller, 2011, p. 35).

Com efeito, mesmo quando o analista diz, ele não diz nada (Soler, 1995, p. 31), pois suas intervenções advêm de forma inquietante (Freud, 1919/1996j, p.267) a convocar, em contrapartida, uma resposta do analisando acerca do seu desejo.

Constata-se, assim, que o silêncio pelo prisma da primeira Clínica lacaniana, compreende-se pela atribuição do sujeito suposto saber ao analista, como Outro e outro, e como um ato analítico, dependente do desejo do analista, que propicia a liberação da associação do sujeito, constituindo-se, afinal, como um recurso de fundamental relevância na clínica psicanalítica.

Referências

- Blancard, Marie-Hélène (2013). *O real como impossível de dizer*. In: Opção Lacaniana online nova série, ano 04, nº 12, ISSN 2177-2673. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_12/o_real_como_impossivel_dizer%20.pdf Acesso em 21 out. 2018.
- Castro, Júlio Eduardo de, & Ferrari, Ilka Franco (2013). *O desejo do psicanalista e sua implicação na transferência segundo o ensino de Lacan*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 25, n. 11, p. 53-72. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n2/v25n2a04.pdf> Acesso em 01º out. 2018.
- Ferreira, Nadiá Paulo (2000). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 3(2). Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200010> Acesso em 28 out. 2018.
- Fontanesi, Sabrina Roberta Oliveira, & Schmidt, Andréia (2016). *Intervenções em afasia: uma revisão integrativa*. Rev. CEFAC. 2016 Jan-Fev; 18(1):252-262. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v18n1/1982-0216-rcefac-18-01-00252.pdf> Acesso em 30 set. 2018.
- Forbes, Jorge de Figueiredo (2010). *Inconsciente e Responsabilidade*. Rio de Janeiro: UFRJ. Recuperado de <http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/2695A91FDBA18003003053A07EA7AF62.pdf> Acesso em 20 nov. 2018.
- Freud, Sigmund (1996i). *Construções em análise*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, Sigmund (1996g). *Esboço de psicanálise*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).

Freud, Sigmund (1996b). *Estudos sobre a histeria*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume II. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, Sigmund (1996c). *O ego e o id*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, Sigmund (1996j). *O estranho*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, Sigmund (1996a). *O método psicanalítico de Freud*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1904).

Freud, Sigmund (1996h). *Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, Sigmund (1996e). *Psicanálise*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, Sigmund (1996d). *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, Sigmund (1996f). *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, Sigmund (2014). *Sobre a concepção das afasias*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1891).

Gil, Antônio Carlos (2010). *Como elaborar projetos e pesquisa*. (4ª ed., 7ª tiragem). São Paulo: Atlas.

Green, André (2004). *O silêncio do psicanalista*. *Psychê* — Ano VIII — nº 14 — São Paulo. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v8n14/v8n14a02.pdf> Acesso em 16 maio 2018.

Hernandez, Juliana. (2004). *O duplo estatuto do silêncio*. *Psicologia USP*, 15(1-2), 129-147. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100016> Acesso em 19 maio 2018.

Lacan, Jacques (1986a). *Introdução aos comentários sobre os escritos técnicos de Freud*. In Seminário 01: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1954).

Lacan, Jacques (1986b). *O eu e o outro*. In Seminário 01: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1954).

Lacan, Jacques (1986d). *O lobo! O lobo!*. In Seminário 01: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1954).

Lacan, Jacques (1986c). *Sobre o narcisismo*. In Seminário 01: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1954).

Lacan, Jacques (1993). *Televisão*. (Versão brasileira Antônio Quinet. Campo Freudiano no Brasil). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques (1995b) *Introdução do grande outro*. Seminário 02: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 04ª edição. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1955).

Lacan, Jacques (1995a) *O desejo, a vida e a morte*. Seminário 02: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 04ª edição. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1955).

Lacan, Jacques (1998c). *A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise*. In Escritos. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1955).

Lacan, Jacques (1998a). *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In *Escritos. Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1958).

Lacan, Jacques (1998b). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In *Escritos. Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1953).

Lacan, Jacques (2003c). *Lição I*. In *Seminário 09: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: publicação para circulação interna. (Trabalho original transmitido em 1961).

Lacan, Jacques (2003b). *Nota italiana*. In *Outros escritos. Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1973).

Lacan, Jacques (2003d). *O ato psicanalítico*. In *Outros escritos. Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1969).

Lacan, Jacques (2003a). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*. In *Outros escritos. Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1967).

Lacan, Jacques (2006a). *Lição XII*. In *Seminário 12: problemas cruciais para a psicanálise*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: publicação para circulação interna. (Trabalho original publicado em 1965).

Lacan, Jacques (2006b). *Lição XVI*. In *Seminário 12: problemas cruciais para a psicanálise*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: publicação para circulação interna. (Trabalho original publicado em 1965).

Lacan, Jacques (2008b). *Lição XIV*. *Seminário 14: A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: publicação para circulação interna. (Trabalho original transmitido em 1967).

Lacan, Jacques (2008a). *Lição XVI*. *Seminário 14: A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife: publicação para circulação interna. (Trabalho original transmitido em 1967).

- Lacan, Jacques (2008c). *O sujeito e o outro (I): a alienação*. Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1964).
- Lacan, Jacques (2010a). *Agalma*. In Seminário 08: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1961).
- Lacan, Jacques (2010b). *Crítica da contratransferência*. In Seminário 08: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original transmitido em 1961).
- Landi, Elizabeth Cristina & Chatelard, Daniela Sheinkman (2015). *O lugar do analista e a ética do desejo*. Tempo psicanalítico, 47(2). Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v47n2/v47n2a11.pdf> Acesso em 28 out. 2018.
- Martinho, Maria Helena. (2012). *A interpretação psicanalítica: "um dizer nada"*. Stylus (Rio de Janeiro), (24), 77-84. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 20 out. 2018.
- Miller, Jacques-Alain (1988). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, Jacques-Alain (1999). *Elementos de biologia lacaniana*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG. Recuperado de <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/jacques-alain-miller-elementos-de-biologia-lacaniana.pdf> Acessado em: 29 novembro 2018
- Miller, Jacques-Alain (2005). *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, Jacques-Alain (2011). *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, Denise Cabral de (2009). *Silêncios: resistências e perlaboração, regressão e repouso*. (leituras sobre o valor do silêncio na sessão analítica) Cad. Psicanál. – CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n.22. Recuperado de http://cprj.com.br/imagenscadernos/10.Silencios_resistencia_e_perlaboracao_regressao_e_repouso.pdf Acesso em 04 nov. 2018.

- Oliveira, Vânia Maria Rocha de, & Campista, Valesca do Rosário. (2007). *O silêncio: multiplicidade de sentidos*. Sinais: revista eletrônica, Vitória, CCHN, UFES, n.2, v.1. Recuperado de <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/2850/2316> Acesso em 04 nov. 2018.
- Padrão, Camila Braz. (2009). *Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais*. Cad. Psicanál.- CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22. Recuperado de http://cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes_sobre_o_silencio_na_clinica_psicanalitica.pdf Acesso em 04 nov. 2018.
- Pinheiro, Nadja Nara Barbosa. (1999). *Psicanálise, teoria e clínica: reflexões sobre sua proposta terapêutica*. Psicologia: Ciência e Profissão, 19(2), 20-29. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931999000200004>
- Quinet, Antonio (2009). *A estranheza da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, Elisabeth & Plon, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sadala, Glória, & Martinho, Maria Helena. (2011). *A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 14(2), 243-258. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200006> Acesso em 03 out. 2018.
- Sander, Gabrielle Krupp & Kegler, Paula. (2018). *O silêncio em palavras mudas e ausentes: uma escuta psicanalítica*. Contextos Clínicos, 11(1):122-135, Unisinos, doi: 10.4013/ctc.2018.111.10. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n1/v11n1a11.pdf> Acesso em 04 nov. 2018.
- Saussure, Ferdinand de (2006). *Curso de linguística geral*. Org. por Charles Baliy e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1916).
- Soler, Celette (1995). *Interpretação: as respostas do analista*. In: Opção Lacaniana. São Paulo: Eolia, v.13. p.20-38.
- Vegas, Márcio Zanardini (2013). *O que faz um psicanalista? Uma leitura do seminário “O Ato Psicanalítico” de Lacan*. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107213/319299.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 30 set. 2018.